

Cartilha de práticas
pedagógicas

LÍNGUA INGLESA
Ensino Fundamental

A conscientização crítica dos usos de linguagem no ensino- -aprendizagem de Língua Inglesa como língua estrangeira

HERI PONTES

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BU**CO
ESTADO DE MUDANÇA

Cartilha de práticas pedagógicas

LÍNGUA INGLESA
Ensino Fundamental

A conscientização crítica dos usos de linguagem no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa como língua estrangeira

HERI PONTES

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BUCO**
ESTADO DE MUDANÇA

Equipe Técnica

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - SEDE
Tarcia Regina da Silva

SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA – SUPEFI
Rodrigo César Barroncas Silva

PRODUÇÃO EDITORIAL
Companhia Editora de Pernambuco - Cepe

SOBRE A AUTORA

Heri Pontes: Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Estágio Sanduíche em Lancaster University, Inglaterra, Department of Linguistics and English Language. É Mestre em Linguística e Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela UFPE. Atualmente integra o corpo docente do Departamento de Letras/UFPE. heri.pontes@ufpe.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pontes, Heri

A conscientização crítica dos usos de linguagem no ensino-aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira / Heri Pontes. -- Recife, PE : Secretaria de Educação e Esportes, 2024. -- (Cartilha de práticas pedagógicas. Língua inglesa : ensino fundamental)

Bibliografia.
ISBN 978-65-85999-02-1

Aprendizagem 2. Língua inglesa (Ensino fundamental)
3. Língua estrangeira - Estudo e ensino I. Título. II. Série.

24-199305

CDD-372.652

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua inglesa : Ensino fundamental 372.652

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Impresso no Brasil 2024
Foi feito o depósito legal

Sumário

Para início de conversa	4
--------------------------------------	---

Capítulo 1

A conscientização crítica dos usos de linguagem	5
--	---

Capítulo 2

Estratégias linguístico-discursivas:

nomeação e predicação dos atores sociais	8
---	---

2.1 Exemplo 1 – News extract	10
------------------------------------	----

2.2 Exemplo 2 – Political cartoon	12
---	----

Considerações finais	14
-----------------------------------	----

Referências bibliográficas	15
---	----

Para início de conversa

Em tempos de grandes transformações geopolíticas, sociais e econômicas globais, influenciadas por fatores como o pensamento e estilo de vida neoliberais, o crescimento dos nacionalismos e movimentos de extrema direita, o terrorismo, as guerras — a exemplo da recente invasão russa à Ucrânia e da destruição em massa da Palestina pelo Estado de Israel —, e o avanço das tecnologias de comunicação, como aumentar o entendimento de docentes sobre as dimensões discursivas e sociocomunicativas do processo de identificação do outro nas relações étnico-raciais, no contexto de sala de aula de Língua Inglesa (LI) como língua estrangeira?

A pergunta-problema acima aponta para o fato de que nossa era é uma época dinâmica, marcada pela integração global em que a aproximação da população mundial desafia as práticas e normas predominantes nas sociedades. Isso gera conflito e confronto, instabilidade, deslocamento, a partir do modo como os atores sociais representam a si próprios e aos outros nos discursos públicos, sobretudo nas mídias online. Partimos do pressuposto de que os usos da língua apresentam formas sutis, ideologicamente marcadas, que servem para moldar, transformar e ressemiotizar os processos de identificação do outro (*othering*) em contextos institucionais diversos.

Isto posto, qual o papel da LI nesse processo? Quais são os aspectos que devem ser trabalhados em sala de aula? Quais são as habilidades linguístico-discursivas a serem ensinadas de modo que discentes possam ser educadas/os para o reconhecimento, a valorização e a integração da diversidade e da diferença nas relações sociais cotidianas?

Nesta cartilha, propomos a abordagem da conscientização crítica dos usos de linguagem como alternativa a abordagens meramente descritivas ou ortodoxas da Língua Inglesa no processo de ensino-aprendizagem, bem como o oferecimento de alternativas possíveis para a articulação entre conteúdos curriculares propostos para o ensino-aprendizagem da LI em Pernambuco e o tratamento das relações étnico-raciais.

Desse modo, estruturamos esta reflexão da seguinte forma: na primeira seção introduzimos aspectos gerais da proposta, tais como objetivos, questões heurísticas, pressupostos teóricos, dentre outros. Na segunda, discutimos sobre a abordagem da conscientização crítica dos usos de linguagem para o ensino-aprendizagem de LI e no que isso implica. Na terceira, abordamos algumas categorias linguístico-discursivas usadas na representação dos atores sociais no discurso. Finalmente, na quarta seção, trazemos as considerações finais sobre a presente proposta, seguida do referencial teórico que embasou a presente reflexão.

Convido você, cara/o docente, para essa empreitada para a cidadania e por uma sociedade mais justa e inclusiva, em que a língua tem um papel agentivo e transformador fundamental nas relações humanas e estrutura social na realidade da vida cotidiana.

1

A conscientização crítica dos usos de linguagem

Quando se pensa no ensino da conscientização crítica dos usos de linguagem — doravante CLA (acrônimo em inglês para *Critical Language Awareness*)—, propõe-se o ensino de LI que parte do desvelar das relações de poder que permeiam os usos ideológicos de linguagem, o posicionamento e a agência dos sujeitos na situação comunicativa nas mais variadas rotinas linguísticas da vida social, e não apenas o estudo operacional e descritivo da língua (Clark et al, 1996).

Essa abordagem, portanto, aponta para a possibilidade de um caminho viável no combate ao preconceito linguístico e social, ao proporcionar às/aos nossas/os estudantes a conscientização crítica sobre as propriedades e os usos de linguagem, uma vez que as práticas sociodiscursivas são moldadas e moldam identidades, papéis e relações sociais, sendo, portanto, práticas naturalizadas.

A abordagem da CLA, que foi desenvolvida na Grã-Betanhã nos anos 1980, está associada ao que se conhece como “linguística crítica” ou “análise crítica do discurso” e pressupõe uma concepção crítica da educação e da escola (Fairclough 1992, p. 02). A CLA precisa ser considerada na sala de aula de LI, uma vez que aponta para as práticas linguístico-discursivas de uma sociedade como socialmente criadas e, portanto, mutáveis, não cristalizadas.

Uma das práticas linguístico-discursivas mais comuns do cotidiano na vida social é a identificação do outro (“nós” *versus* “os outros”). Nos discursos políticos e discriminatórios, por exemplo, “nós” é comumente marcado por representações positivas e “os outros” por representações negativas. É o caso da construção metafórica da identidade coletiva de certos grupos sociais, por exemplo, o de imigrantes como “praga”, “doença” etc. nos discursos anti-imigração. (Reisigl e Wodak 2001).

A construção identitária se dá pelo processo discursivo no âmbito das relações humanas, no contexto das instituições sociais e, nem sempre, é uma prática inovadora, podendo, inclusive, legitimar certas identidades impostas por processos de dominação e de exclusão do outro. O uso da CLA contribuiria, portanto, para o desvelar dessas práticas e para a mudança social.

Clark (1992) delinea alguns princípios pedagógicos que estão presentes na CLA, a saber: (i) o entendimento do funcionamento da linguagem tem como foco a compreensão das três dimensões de análise do discurso — texto, processos sociocognitivos e contexto social, ou, como Fairclough (2001) coloca posteriormente, texto, prática social e prática discursiva — e como se inter-relacionam. “Discurso” designa a interação verbal como prática social; (ii) a consciência crítica das/os estudantes deve partir da produção e interpretação da linguagem em uso dando a estas/es um propósito real na análise das convenções sociodiscursivas correntes e como lidar com elas; e (iii) a CLA permite que as/os usuárias/os da língua desenvolvam o conhecimento (consciência crítica) sobre os usos linguísticos, mas também a possibilidade de ação ao questionarem convenções existentes e oferecerem novas alternativas de uso.

Segundo o autor (Clark, 1996, p. 124), esses princípios, sobretudo o terceiro, apontam para três questões em sala de aula, a saber, (a) o que você pode dizer — conteúdo, (b) como você pode dizer — forma e (c) quem você pode ser — sujeito social. Ao abordar essas três questões, cria-se a consciência sobre os processos pelos quais certos tipos de conhecimento são legitimados e ortodoxias estabelecidas, o nível de formalidade normalizada, e como os indivíduos são construídos como sujeitos sociais nas práticas sociodiscursivas.

Um modelo de aprendizagem de língua baseado na CLA teria, então, as seguintes implicações (Clark et al 1996, p. 49-50): (a) a conscientização crítica da linguagem é construída a partir das capacidades linguísticas e das experiências dos estudantes; (b) a conscientização linguística crítica deve estar ligada a um discurso com objetivos; (c) o discurso com objetivos deve estar ligado à conscientização crítica sobre os usos de linguagem.

Em linhas gerais, os principais pressupostos teóricos da CLA são os seguintes (Clark et al 1996, Fairclough 1992):

- Explicar e não apenas descrever o discurso de uma sociedade ou instituição social;
- Forças socialmente dominantes têm o poder de moldar tanto o discurso quanto outras práticas sociais;
- As convenções sociais tendem a ser naturalizadas;
- As convenções comunicativas, incluindo tanto as línguas quanto as variedades linguísticas, são valorizadas ou desvalorizadas de acordo com a posição dos sujeitos na estrutura social e no sistema das relações de poder;
- Convenções diferentes incorporam ideologias diferentes e convenções dominantes incluem ideologias dominantes;

- A observação da orientação histórica em contraste com o estudo descritivo e ortodoxo da linguagem;
- O objetivo explanatório da CLA é mostrar como as conexões ideológicas particulares são impostas entre determinantes estruturais e discursos e entre discursos e efeitos estruturais, através da luta entre forças sociais;
- O discurso é socialmente determinado e criativo;
- O discurso em si mesmo é uma prática de luta e não, simplesmente, uma questão de seguir convenções;
- A CLA é um recurso para desenvolver a consciência e a autoconsciência dos povos dominados/discriminados/excluídos. A consciência seria, portanto, uma condição necessária, mas não suficiente para a emancipação social, uma vez que se faz necessária a ação dos sujeitos.

A seguir, apresentamos algumas estratégias linguístico-discursivas que podem ser usadas no entendimento dos textos e discursos quanto ao processo de identificação do outro ou construção identitária, uma das formas de se desenvolver a conscientização crítica sobre os usos de linguagem.



PARA REFLETIR...

No que diz respeito à variação linguística, você sabia que a Língua Inglesa tem variações como qualquer outra língua e que, na verdade, é constituída por várias “línguas inglesas”? Pois bem, lembremos que a LI é um patrimônio global nos dias de hoje pelo seu *status* de língua franca para a comunicação entre os povos. Desse modo, a LI não pertence apenas aos países onde é falada como língua materna, a exemplo da Inglaterra, Canadá, Austrália, dentre outros.

Sebba (2009, p. 405) nos lembra que a LI teve suas origens nas Ilhas Britânicas, porém com a expansão do colonialismo e do imperialismo britânico, essa mesma se espalhou e se tornou dominante no mundo. O termo *world englishes* foi criado para se refletir a realidade linguística da variação na LI pelo mundo. Ou seja, o termo se refere às variações que são formas da LI ou a ela se referem. Por isso podemos falar no inglês britânico, no inglês americano, no inglês jamaicano, no inglês sul-africano e assim por diante, sem mencionar as línguas *pidgins* e crioulas que dela partem.

Todas as variações da língua inglesa têm o mesmo valor não sendo, portanto, nenhuma variação melhor ou mais perfeita do que a outra, como algumas pessoas erroneamente acreditam, alimentando assim o preconceito linguístico e social.

2

Estratégias linguístico- -discursivas: nomeação e predicação dos atores sociais

Uma das formas que podem ser utilizadas no entendimento do processo identificatório ou construção identitária nos textos e discursos públicos é a compreensão das estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos usuários da língua e como essas se realizam linguisticamente. Reisigl e Wodak (2001), Fairclough (2003), Van Leuven (2008), Pontes (2014) dentre outros, apresentam uma sistematização frutífera de estratégias para análise e avaliação dos textos e discursos no seu contexto social, político e histórico.

Entendemos estratégias de acordo com Reisigl e Wodak (2001), como sendo caminhos sistemáticos de usos da linguagem em determinadas situações comunicativas orientadas objetivamente para certo propósito retórico. Os autores afirmam que o significado das estratégias não pode ser associado a uma visão simplista, determinista ou voluntarista dos atores sociais. Estratégias são usadas para atingir certos propósitos, mas não podem ser planejadas ou instrumentalizadas. Elas dependem do *habitus* e do campo de ação (político, midiático, educacional, etc.) em que o discurso se situa.

Isso significa que as condições sociais e materiais, bem como o fato de que os atores sociais são condicionados para a ação através da socialização da ação individual, são essenciais para o uso dessas estratégias (Wodak 1999, p. 31-32). Enquanto uma série de processos, estratégias operam consciente ou inconscientemente em vários níveis da comunicação (Titscher et al., 2003, p.3).

Para esta cartilha nos deteremos em ao menos duas dessas estratégias, a saber, a nomeação e a predicação dos atores sociais que correspondem às

principais funções da linguagem. Para se chegar às estratégias linguístico-discursivas, os atores acima mencionados propõem que se pense a princípio em questões heurísticas, tais como:

- (a) Quais são os principais atores sociais que participam de um discurso específico? Como se referem a si mesmos e aos outros no texto?
- (b) Quais são as características, traços e nuances atribuídos a esses atores sociais?

A tabela a seguir mostra a correspondência entre as questões heurísticas, as estratégias propostas e a sua possível realização linguístico-discursiva.

QUESTÕES HEURÍSTICAS	ESTRATÉGIAS	REALIZAÇÃO
O modo discursivo como os atores sociais se referem a si mesmos, aos outros e/ou ao evento	Nomeação	<ul style="list-style-type: none"> - Categorização de indivíduos ou grupos - Dêiticos - Metáforas - Outros?
A qualificação discursiva dos atores sociais e/ou do evento	Predicação	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliações positivas, negativas ou estereotipadas - Atribuição de papéis ativos ou passivos - Outros?

Como se pode perceber, as estratégias não são construções a priori impostas aos textos e discursos que se pretende analisar, mas respostas a questões norteadoras para sua elaboração, abrangendo diferentes níveis de organização e complexidade linguístico-discursiva. Elas estão relacionadas e ocorrem mais ou menos simultaneamente nos atos discursivos.

A análise e a interpretação das estratégias linguístico-discursivas relacionadas ao problema da construção identitária apontam diretamente para os modelos de inclusão e de exclusão dos atores sociais materializados na língua e para o contexto extralinguístico, sincrônica e diacronicamente. Além do mais, tais estratégias são sistematicamente usadas para construir discursos sobre identidade e diferença/discriminação em todos os níveis da formação de grupos (local, nacional, global etc.) como destacam De Cillia e Wodak (2006, p. 718).

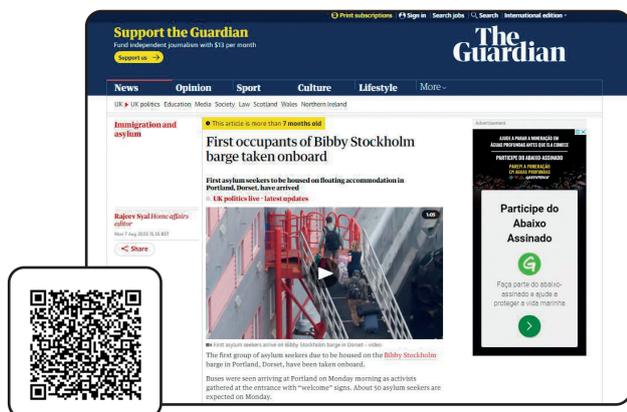
Mas qual a relevância de nomear e predicar os sujeitos sociais? Quais são os aspectos importantes dessas categorias na construção do mundo e das pessoas?

No que diz respeito a **nomeação** ou referenciação, Reisigl e Wodak (2001, p. 45) afirmam que os atores sociais podem ser representados em termos do “nós”

x “os outros”, além do que são essenciais no modo como representamos o mundo social, ao passo que exercem poder e controle social. Nomear é elementar na diferenciação, produção e imposição de sentidos na representação objetiva do mundo social, principalmente, na construção das identidades dos indivíduos. Paralelamente, a referenciação pode acontecer por categorização, reforçando o processo cultural de identificação coletiva dos grupos (Bourdieu 1987, p. 42).

A **predicação**, por sua vez, é a segunda estratégia elementar no processo identificatório, na medida em que trata da nossa percepção e avaliação dos atores sociais e eventos ao atribuímos a esses certas características, traços, atributos e qualidades.

Um aspecto interessante na predicação é o fato de atribuímos papéis sociais e gramaticais aos atores sociais envolvidos na cena discursiva. Nessa atribuição pode haver incongruência ou discrepância na representação quando, por exemplo, agentes podem ter papéis sociais ativos no evento, mas nas escolhas sistêmicas que fazemos nos textos e discursos produzidos, esses mesmos atores podem ser representados com papéis gramaticais passivos e vice-versa. Autores como Ochs (1996), Goffman (1998), van Leeuwen (1997) e Fairclough (2003) já apontaram para este fenômeno.



2.1 Exemplo 1 – News extract

Vejam o exemplo a seguir, retirado de uma notícia online do jornal britânico *The Guardian*:

<https://www.theguardian.com/uk-news/2023/aug/07/first-occupants-of-bibby-stockholm-berge-taken-onboard>

The government hopes the use of the barge and former military bases to house asylum seekers will reduce the cost of hotel bills.

No exemplo acima, identificamos dois grupos de atores sociais, a saber, “the government” (“nós” – grupo) e “asylum seekers” (“os outros” – grupo). O primeiro grupo é nomeado pela representação metonímica “the government” e é o grupo de poder que decide sobre a vida dos outros, nesse caso, imigrantes que buscam asilo político. Um fato importante dessa representação coletiva é a não identificação dos personagens políticos responsáveis pela ação.

NOMINATION OR REFERENTIAL STRATEGIES	
Social actors	Realization
The government	Metonym = the institution by the people in charge
Asylum seekers	Anthroponym indicating collectivity

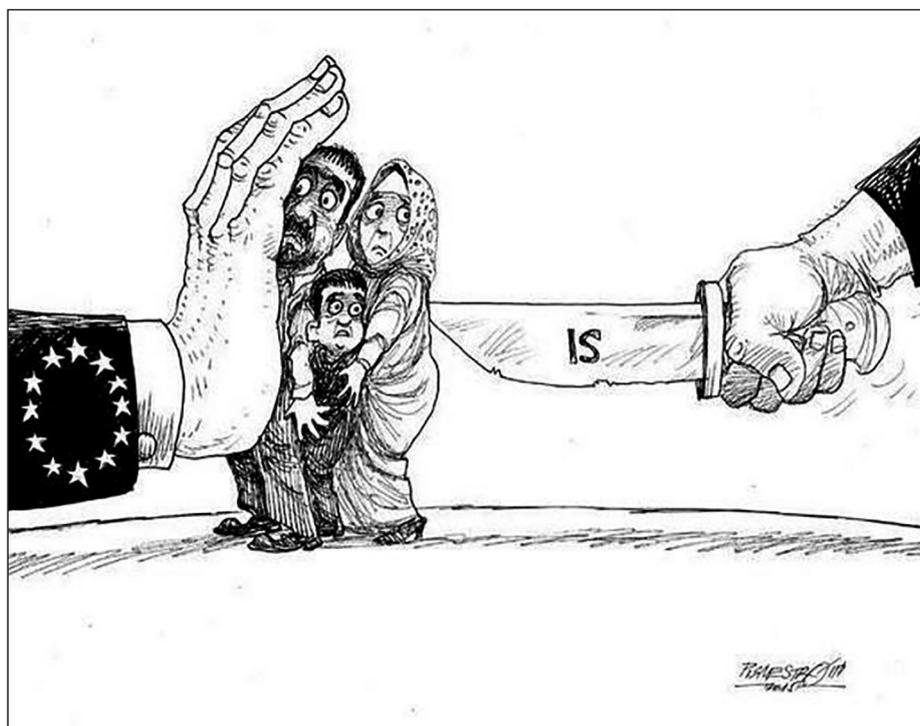
Já no caso dos “asylum seekers”, esse grupo de imigrantes não é reconhecido pelo nome individual de cada pessoa, mas são categorizados pelo que buscam, ou seja, asilo político. Aqui podemos ver, então, que essa representação dos atores sociais nesse contexto mostra a hierarquização e detenção de poder político apenas por um grupo, o grupo político, que toma decisões pelos outros. No contexto de imigração, “asylum seekers” representa negativamente o grupo de imigrantes como pessoas vitimadas e, muitas vezes, não quistas.

PREDICATION STRATEGIES	
Social actors	Realization
The government	Agentive role = “... hopes that the use of ...”
Asylum seekers	<ul style="list-style-type: none"> - Attribution of a characteristic related to what they do = they seek asylum - Passive role = recipients of somebody else’s action

Na construção da predicação dos atores sociais, o ator social “the government” recebe o papel ativo como aquele que faz as coisas acontecerem. Já “asylum seekers” recebe um papel passivo na representação, uma vez que são recipientes da ação dos outros, nesse caso “the government”. Quando pensamos no papel social que desempenham, os imigrantes são aqueles que exercem a ação de migrar e procurar asilo. Tais ações geralmente não são avaliadas positivamente.

A única característica atribuída aos imigrantes é aquela relacionada a uma ação, ou seja, a de buscar asilo. “Seekers” é o substantivo (noun) principal (head) na frase nominal (noun phrase) e “asylum”, mesmo sendo um substantivo (noun), tem um papel adjetival, qualificador do substantivo principal.

2.2 Exemplo 2 – Political cartoon



Fonte: Petar Pismestrovic (Croácia)

O exemplo acima é de uma charge política. Obviamente, para analisar e interpretar esse exemplo de texto, majoritariamente elaborado em linguagem visual, não podemos prescindir do estudo dos recursos multimodais utilizados para construir significados. Entretanto, não iremos nos deter na análise desses aspectos aqui pela complexidade e falta de espaço.

A questão é que, mesmo com a linguagem visual, podemos identificar como os atores sociais são representados através dos recursos multimodais utilizados. No caso das charges, é fundamental o conhecimento de mundo para que se possa entender o que se pretende comunicar.

Há três atores sociais no texto: dois deles exercem poder e controle social sobre o terceiro ator. Da esquerda para a direita na imagem, o primeiro ator representado pela mão que impede a passagem ou entrada de pessoas, simboliza a União Europeia (UE). O círculo de estrelas representa os países membros da instituição. O segundo ator social é representado coletivamente, possivelmente, indicando uma família (um homem, uma criança e uma mulher) em fuga. Essa família aparece impotente entre “as duas mãos”. O terceiro ator social, representado por uma mão empunhando uma arma, possivelmente uma faca, indica o motivo (terrorismo/violência) pelo qual a família está em fuga.

Se pudéssemos “traduzir” em palavras a representação visual, teríamos a nomeação dos atores sociais feita por frases nominais, tais como ‘The European Union’ (a União Europeia), ‘a Syrian family’ (uma família síria) e o ‘IS’ (acrôni-

mo em inglês para Islamic State – Estado Islâmico). Já na predicação, poderíamos “traduzir” as imagens da seguinte forma:

- a) The European Union are denying entry to Syrian immigrants in their member States (A União Europeia está negando a entrada de imigrantes sírios em seus estados-membros).
- b) The Syrian family is stuck in a non place (A família síria está presa em um não-lugar).
- c) IS threatens Syrian families (O Estado Islâmico ameaça famílias sírias).

Desse modo, apenas a “União Europeia” e o “Estado Islâmico” têm o poder de decidir sobre as vidas e ações das famílias sírias. Seus papéis, portanto, são agentivos. A família síria tem um papel passivo, pois é representada como recipiente das ações dos outros. A família também pode representar metonimicamente todas as famílias sírias em fuga.

Com os exemplos 1 e 2, pudemos ver possibilidades de análise e interpretação dos recursos semióticos presentes no repertório linguístico-discursivo das/dos falantes da língua usados para representar os atores sociais.



GUARDE ESSA IDEIA

Nessa discussão, propomos a abordagem da conscientização crítica dos usos da linguagem (CLA) para o ensino-aprendizagem da língua inglesa (LI), uma vez que essa tem por objetivo o desvelar das relações de poder e assimetrias que permeiam os usos ideológicos de linguagem nas mais variadas rotinas linguísticas da vida social.

A CLA tem um compromisso explícito com uma pedagogia crítica, uma vez que busca conscientizar as/os estudantes sobre as propriedades e os usos de linguagem, pois as práticas sociodiscursivas são moldadas e moldam identidades, papéis e relações sociais, sendo, portanto, práticas naturalizadas e não naturais.

Uma forma de aplicar a CLA no ensino-aprendizagem da LI é através da análise de categorias linguístico-discursivas usadas pelos atores sociais para criar identidades sociais. Duas das categorias basilares para este trabalho são a nomeação e a predicação dos atores sociais nos textos e discursos.

Com isso, podemos identificar e interpretar sentidos na representação do mundo social e oferecer alternativas possíveis para outras representações, combatendo, assim, os discursos e práticas discriminatórias nas relações étnico-raciais.

Considerações finais

Nesta cartilha, discutimos a abordagem da conscientização crítica dos usos de linguagem como proposta de intervenção para o análise e interpretação dos discursos políticos e discriminatórios na sala de aula de Língua Inglesa. Para mostrar as formas como linguagem e poder estão relacionados, propomos o trabalho de análise e de interpretação de textos e discursos a partir das categorias linguístico-discursivas de nomeação e predicação dos atores sociais.

Observamos o trabalho ideológico da identificação dos indivíduos no processo sociodiscursivo de construção de identidades sociais presentes nos mais variados gêneros textuais e discursos. A partir do reconhecimento da seleção sistêmica de recursos semióticos disponíveis no repertório linguístico como aprendizes/usuários da língua estrangeira, podemos observar o modo como os atores sociais são representados na vida social. Os usos de linguagem não são neutros, mas direcionados para atingirmos propósitos retóricos específicos.

O que a CLA acrescenta a outras abordagens de ensino é o seu comprometimento com uma pedagogia crítica. Desse comprometimento, três noções acionais emergem: que o ensino é/deve ser emancipatório; que o ensino é/dever ser orientado para o reconhecimento e trabalho com a diferença e a diversidade, traço característico dos grupos sociais e sociedades; e que o engajamento com o ensino é/deve ser uma prática de oposição na qual os atores sociais envolvidos estão pensando continuamente em como dar evidência e empoderar os indivíduos e grupos que são discriminados, principalmente, por causa de sua origem ou fenótipo, chamando a atenção para aspectos como justiça social, identidade, relações de poder, discriminação e desigualdade (Farias, 2005, p. 214)

A CLA vê a linguagem como uma forma de ação social que realiza coisas. Sendo assim, as escolhas linguístico-discursivas que fazemos constroem uma versão da realidade que legitima um certo estado de coisas. Desvelar esses usos e o sentido que produzem no mundo social é um convite para ação e mudança nas nossas interações ao explorarmos a complexidade, a sofisticação e o funcionamento dos usos da língua em seu contexto sociocultural, político e histórico na sala de aula de Língua Inglesa.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A, 1987.
- CLARK, R. 1992. Principals and practice of CLA in the classroom. In FAIRCLOUGH, N. (ed.). *Critical language awareness*. London, New York: Routledge, 1992, p. 117 – 140.
- CLARK, R. et al. *Conscientização crítica da linguagem*. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, (28):37-57, 1996
- DE CILLIA; R.; WODAK, R. Politics and language. In BROWN, K. (ed.) *Encyclopedia of language and linguistics*. (2ed). Amsterdam, London: Elsevier, 2006, 14 v.
- FAIRCLOUGH, N. (ed.). *Critical language awareness*. London, New York: Routledge, 1992.
- _____. *Discurso e mudança social*. Brasília, UNB, 2001
- _____. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003..
- FARIAS, M. Critical language awareness in foreign language teaching. In *Literatura e Linguística*. Santiago, (16): 211-222, 2005.
- GOFFMAN, E. Footing. In RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. (orgs.) *Sociolinguística interacional*, Porto Alegre, AGE Editora, p.70-97, 1998.
- OCHS, E. Linguistic resource for socializing humanity. In GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (eds.). 1996. *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 406-437. (Studies in the social foundations of language 17)
- PONTES, H. *Discurso, corrupção e a construção de identidades sociais na política brasileira: um estudo de caso*. Recife, Editora Universitária UFPE. Coleção Teses. 2004.
- REISIGL, M.; WODAK, R. *Discourse and discrimination: rhetorics of racism and antisemitism*. London, New York: Routledge. 2001
- SEBBA, M. Word Englishes. In: CULPEPER, J. et al. (eds). *English Language: Description, variation and context*. London: Palgrave Macmillan. 2009, p. 388-403.
- TITSCHER, S. et al. *Methods of text and discourse Analysis*. London: Sage, 2003.
- VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In PEDRO, E. (org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho. 1997, p. 162-222.
- _____. *Discourse and practice: New tools for critical discourse Analysis*. New York: Oxford University Press. 2008.
- WODAK, R. et al. *The discursive construction of national identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 1999.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Raquel Teixeira Lyra Lucena
Governadora do Estado

Priscila Krause Branco
Vice-Governadora

Ivaneide de Farias Dantas
Secretária de Educação e Esportes – SEE/PE

Tarcia Regina da Silva
Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação – SEDE

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BUCO**
ESTADO DE MUDANÇA

ISBN 978-65-85999-02-1



9 786585 999021

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BU**CO
ESTADO DE MUDANÇA